

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Alan Marcel de Barros, Alice Gritti, Maria Elisa Amaral Piva

Resumo

A linguagem musical é uma forma de expressividade por sentimentos e conceitos, de determinar a comunicação com tudo aquilo que a rodeia de equivalência psíquica e emocional e também de autorrealização, ou seja, realização por si mesmo das competências de caráter ou personalidade, já que a criação musical é algo que está aplicado no indivíduo criador. A música é Arte e também ciência, dois elementos que retratam a um processo evolutivo do indivíduo. A musicoterapia é a utilização da música com propósitos clínicos e aspectos sociais e educativos, para ajudar no tratamento e advertência de dificuldades de saúde mental. Este artigo tem como objetivo geral compreender como a musicoterapia pode contribuir no desenvolvimento de forma global nas crianças, em todos os seus fatores: afetivo, cognitivo, social, linguístico e psicomotor. O procedimento metodológico foi a pesquisa bibliográfica, na qual foram consultados livros e periódicos científicos com a temática sobre a musicoterapia e os benefícios para as crianças.

Palavras-chave: Musicoterapia; crianças; linguagem musical.

1. INTRODUÇÃO

A música é um auxílio de libertação, depuração, de uma maturação social, intelectual e emocional. Por meio do ato musical, o sujeito tem a concepção de organizar e aprender toda a compreensão que vai assimilando. Também pode usar a música em si, pelo mero prazer de executá-la. Já que toda a linguagem musical é uma forma de expressividade por sentimentos e conceitos, de determinar a comunicação com tudo aquilo que a rodeia de equivalência psíquica e emocional e também de autorrealização, ou seja, realização por si mesmo das competências de caráter ou personalidade, já que a criação musical é qualquer coisa que está posto no sujeito criador.

Ao tratar só da música delimitamos a todo um conjunto de eventos acústicos e de movimento, que envolvam e tornam possível a musicalidade. No entanto, tais ocorrências separadas e livres podem ser determinadas como não-musicais e cabem aos efeitos terapêuticos, tanto ou mais que o próprio fenômeno musical. Portanto, a música é arte e também ciência, dois elementos que retratam a um processo evolutivo do indivíduo. Sendo, por meio do tato, que se percebe o pulso, no qual é o ritmo que gera o fluir do sangue pela artéria radial, estamos notando um ritmo não-audível, e igualmente possível de se poder imitar com um movimento de pés, de palmas ou de voz. Isso significa não é o fazer musical, contudo é de enorme significância para a musicoterapia.

Como justificativa, deve-se a significância social da pesquisa do tema em questão, a medida que contribui para melhor compreensão do ser humano. E desse modo faz-se relevante a pesquisa sobre a musicoterapia e a desenvolvimento de crianças e sobre os progressos de novas pesquisas sobre a práxis musical. E a problemática que orientou esta revisão sistemática foi: quais os benefícios da musicoterapia para o desenvolvimento infantil?

Este artigo tem como objetivo geral compreender como a musicoterapia pode contribuir no desenvolvimento de forma global nas crianças, em todos os seus fatores: afetivo, cognitivo, social, linguístico e psicomotor. Os objetivos específicos são investigar a relação entre psicomotricidade e aprendizagem musical e entre musicoterapia e educação musical e expor sugestões de atividades sonoro-musical e os procedimentos metodológicos para possíveis programas de estimulação musical para as crianças.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foi realizada essa presente pesquisa em que utilizou-se de consultas e matérias relevantes para o tema em questão, com uma seleção de obras atuais, na qual a coleta de dados sucedeu em livros e artigos, refletindo e respondendo aos objetivos propostos nesta pesquisa sobre a musicoterapia e os benefícios que ela pode possibilitar para as crianças.

2. PERSPECTIVAS SOBRE A MÚSICA EM MUSICOTERAPIA COMO UMA FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E PARA QUALIDADE DE VIDA.

Atualmente a musicoterapia vem demonstrando respostas satisfatórias no campo da saúde, tais como diminuição dos níveis de angústia, melhoras destacadas nas funções cognitivas associadas ao aprendizado, compreensão e memória, diminuição dos níveis de estresse, progresso no desenvolvimento neuropsicomotor, melhorias nas funções cardiorrespiratórias, redução da dor, melhora no condicionamento físico, alívio nos níveis de depressão, apoio no aleitamento materno e melhorias nas relações pessoais (MATOSO; OLIVEIRA, 2017 apud SOARES et. al, 2018).

A música é bem relevante para a área terapêutica e serve como um bom instrumento para os tratamentos. Pelos seguintes motivos que desenvolvem a sua força. Entende-se que a música é uma manifestação ou uma expressão universal e conduz o homem no seu trajeto histórico e está presente na vida de cada sujeito, desde o momento da gestação (batidas cardíacas da progenitora, nos sons peristálticos, nos sons das articulações, na percepção da voz da progenitora por meio do líquido amniótico) até a morte desse sujeito (ritmo regular dos batimentos cardíacos) é um elemento não verbal, no qual tem o ritmo como elemento propulsor e organizador do movimento e que tem o instrumento musical como peça que fica no meio entre duas coisas e que também é integrador (BARCELLOS, 2015).

A musicoterapia é também utilizada para estimulação cognitiva, reduz consideravelmente a pressão arterial e diminui significativamente os sintomas de epilepsia, demência e Parkinson. A musicoterapia ao decorrer da gravidez induz o desenvolvimento cerebral do feto, aumenta a aprendizagem temporo-espacial (relativo ao tempo e ao espaço) e competência motora (tais como o andar e o sentar) da criança (ULLAL-GUPTA S. et. al, 2013 apud OLIVEIRA et. al, 2016).

Para os autores acima em relação a canção, assimila-se como um fenômeno disseminado por todas as gerações e culturas e por estar na experiência de todos. Já que a musicoterapia se vale de experiências musicais tais como recriação, improvisação, audição e composição de músicas e melodias, pelo uso da voz, de dispositivos e do corpo, para auxiliar a comunicação, a formação do vínculo terapêutico, a autoexpressão e auxiliar na promoção e prevenção ou reabilitação da saúde de sujeitos que sofrem das mais diversas condições bio/psico/sociais/espirituais.

Na musicoterapia, é válido que a música seja usada para variadas finalidades e funções. Entretanto o fato de predominar uma determinada função, as particularidades sonoras que elas adotam, juntam-se e necessariamente incitar as sonoridades musicais terapêuticas. Portanto as vivências musicais e terapêuticas confirmar as experiências do paciente, demonstrando o modo como ele experenciou como superou os obstáculos e como conseguiu as necessidades dentro da sociedade em que se encontra inserido (FERREIRA, 2012).

Para o autor acima a atuação do musicoterapeuta na perspectiva comunitária está de maneira direta de acordo com uma assimilação de atitudes, ideias, aprendizagens que de forma espontânea derivam da experiência musical dessa população. Este tipo de musicoterapia utiliza um trajeto para a escuta de sons existentes na vida social de cada indivíduo. Conforme Bruscia (2004, apud FUCCI-AMATO, 2015) nesta área de intervenção o que é fundamental proporcionar a saúde e o prazer entre os diferentes membros da comunidade, seja em local familiar, profissional ou de lazer. Os indivíduos presentes e participantes de uma sociedade apresentam-se de variadas maneiras por meio do som, isso quer dizer, externar os seus problemas, determinam conflitos, criam e elaboram momentos de prazer com os outros por intermédio de melodias feitas para essa intenção.

A música, em musicoterapia, é um instrumento mediante do qual se intenciona possibilitar o desenvolvimento de uma pessoa nunca no local técnico musical, e sim na sua vida no total, favorecendo assim para que alcance a qualidade de vida, e consiga mais autonomia. Quando o indivíduo atende a esta solicitação para participar eficazmente na vivência musical, o musicoterapeuta proporciona seu fazer musical para inserir o que o paciente está criando, respondendo, imitando, espelhando, destacando, desenvolvendo razões musicais ou usando qualquer outra maneira possível de reconhecimento, autenticação e relação musical. A começar do momento em que o paciente e o musicoterapeuta começam

um processo de comunicação musical, isto é, um método de coordenações em que há consenso de atos musicais, não somente pela relação entre eles se amplia como também as próprias competências musicais e não musicais do paciente. Este desenvolvimento é decorrente ao longo de todo o procedimento clínico musicoterapêutico com vantagens ou conclusões do terapeuta e do indivíduo e, desta maneira, a dificuldade da criação musical da dualidade entre o musicoterapeuta e o paciente de maneira gradativa e de modo aumentar sucessivamente (SAMPAIO, 2002 apud SAMPAIO; LOUREIRO; GOMES, 2015).

A música incentiva tarefas motoras, afetivas e intelectuais, por causa de seus elementos característicos, tais como o ritmo, a harmonia, a melodia e o timbre. Em destaque o ritmo que possui efeitos fisiológicos e psicológicos. Por mediante de um ritmo consegue adequar um feedback inconsciente automático em nível subcrítico (McCLELLAN, 1994, p. 44 apud SILVA JR, 2008).

Os efeitos psicológicos estão associados à intensidade do ritmo, mais forte ou mais fraco, se é mais intenso ou menos intenso. A melodia, por meio da continuação de alturas, está relacionada à moralidade afetiva. A harmonia abrange a perspectiva sensorial, no instante em que há uma sincronia de sons que é compreendido pelo ouvido interno; a perspectiva afetiva, nas relações entre os sons que formam o acorde por meio de consonância e dissonância, tensão e relaxamento e; o estado mental, já que é necessário fazer uma análise para manter as relações entre os sons. O timbre auxilia respostas que se realizam por meio de fibras tálamo-corticais e córtico-talâmicas, que compõem as radiações talâmicas nos seres humanos e nos animais, que “são aquelas sensações que não necessitam de interpretação pelas funções superiores do cérebro” (SEKEFF, 2007 apud SILVA JR, 2008, p.29).

Para os autores Rocha e Boggio (2013) a percepção musical circunda a compreensão do modo e o entendimento da sintaxe musical. Isso quer dizer que tanto a percepção inicial do som quanto sua apreensão sintática é modulada pela vivência emocional de se escutar música. A integração de regiões corticais do cérebro com o sistema límbico, ou seja, responsável pelas emoções faz com que o processo musical seja instigado pela emoção. Em relação às estruturas cerebrais e música provém de estudos com indivíduos que sofreram consideravelmente lesões cerebrais. Os autores explicam que são estudos especificamente relacionais que investigam a ligação entre regiões cerebrais acometidas e modificações na percepção de vários desses parâmetros musicais. Tais como, pacientes que mostram lesão no córtex temporal direito tipicamente perdem a habilidade de identificar melodias conservando a percepção rítmica. No entanto, pelo fato destas informações serem dos tipos relacionais, ainda gera dúvidas de como o cérebro realiza a integração desses padrões percebidos de forma separada em uma única música, sendo que há mínima informação sobre as computações neurais incluídas em cada fase, bem como o modo como estas são adaptadas no tempo.

Mas qual a relação da educação musical e a musicoterapia? Tanto a música quanto a linguagem sustentam-se do controle dos diversos parâmetros do som para sua organização sonora, salvo de compartilharem a utilidade de uma ordenação hierárquica. Portanto, para a fala, usa-se grande variação de timbres em um pequeno espaço de tempo, organizando-se vogais e consoantes. Em relação a música, há grande variação de alturas e o tempo de cada som é maior do que na própria fala. Concomitantemente, as variações de tempo representam papel mais válido do que na fala, precisando ser realizadas de modo preciso. Entretanto a música e a linguagem têm ambas, organização sintática e demandam entendimento semântico (PATEL, 2008 apud ROCHA; BOGGIO, 2013).

Segundo Souza et al (2017), a linguagem musical sempre se descreveu por uma grande instabilidade, resultante de suas características possíveis e temporais em formas físicas. Um singular som, tais como seu timbre, intensidade, altura e duração específicas, já é bastante rico em informações ao ouvinte, quanto mais à ligação múltipla entre muito deles.

Há três modos principais de utilização da música como forma de terapia é a denominada musicoterapia ativa, cujo paciente cria a sua própria música, permitindo-se escolher instrumentos musicais concedidos no momento da sessão e se expressar por intermédio deles; a musicoterapia interativa, mais usada em nosso país, cuja experiência musical é compartilhada entre o paciente e o próprio musicoterapeuta e/ou em grupo; e a musicoterapia receptiva, cujo paciente fica numa condição alterada de consciência ao receber a música levada pelo terapeuta (BARCELLOS, 2015).

Mas o que seria a linguagem musical? Para a autora Gainzá (1982) os elementos da linguagem musical são assimilados, em cada idade, a educadora musical define como aquilo que eu sei e o que conheço sobre o que eu mesmo faço. A autora complementa que a linguagem musical resulta também na possibilidade de usar a música para falar tudo o que se sente, podendo ser coisas lindas ou coisas feias. Em relação à educação musical de hoje, Gainzá (1982, p.101) “o objetivo específico da educação musical é musicalizar, ou seja, tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno, sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, resposta de índole musical”.

A linguagem musical proporciona o melhor desenvolvimento para a criança e todos seus aspectos, sendo esses cognitivos, afetivos, psicomotor e afins. Rosa (1990) identifica a música como uma linguagem expressiva e as canções são instrumentos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas sua própria maneira de sentir. Assim, cantar, gesticular, dançar são formas de expressar com o corpo todo. E não deve ser atividades complementares, nem apenas para preencher o tempo. Antes, é necessário que se tornem objetivos fundamentais da educação infantil vem ser planejadas, desenvolvidas, observadas e avaliadas criteriosamente, se quisermos realizar um trabalho educativo sério.

A música é uma essencial ferramenta pedagógica para ajudar as crianças em seu desenvolvimento, se planejada e contextualizada. em seus estudos ela afirma sobre a enorme importância de se educar crianças desde a idade da educação infantil, de forma a equilibrar as diversas formas de interação do indivíduo com a música. Contudo vale ressaltar que a música precisa ser apresentada a criança de uma forma lúdica e prazerosa. A educação musical pode acontecer de forma recreativa por meio de brincadeiras, jogos, histórias, bandinha rítmica, canto e movimentos corporais. E por intermédio da improvisação de ritmos e melodias, o aluno poderá desenvolver sua criatividade. Acredito que o objetivo principal da educação musical é estimular a socialização das crianças e revigorar e intensificar a personalidade (BEYER, 1996).

3. SUGESTÕES DE ATIVIDADES SONORO-MUSICAIS PARA CRIANÇAS

A seguir foram destacadas algumas atividades sonoro musicais para aproximar crianças da música e oferecer possibilidades para a exploração de sons, ritmos e melodias para serem realizadas no ambiente escolar.

- **Atividade:** Movimento com sons diferentes.

Objetivo da proposta: criar movimentos sugeridos por diversos níveis de som produzidos por diferentes objetos, inclusive por um tapete musical; aprender os níveis de som, do grave ao som agudo; criar movimentos corporais após escutar diferentes objetos que proporcionem som, assim como as notas diferentes do tapete musical; fazer silêncio nos momentos em que os sons são produzidos pelos colegas para que todos possam ouvi-los.

Procedimento: essa atividade permite que as crianças ouçam um som a cada momento, com isso ensinando-as a classificar esses sons em mais agudo ou mais grave. Em seguida, o professor pode realizar algum som, sem que os alunos vejam o objeto que o está produzindo, pedindo que identifiquem o tipo do som. Exemplo: explorar os sons produzidos por bexigas. E por fim, pedir sugestões de movimentos a serem criados pelas crianças conforme com o som e ritmo proposto. E cita que o tapete musical pode ser coberto para que os alunos não vejam onde estão pisando, mas possam ouvir os sons emitidos, e com isso o desafio é que eles devem criar um movimento em pé, se for mais agudo, e deitado, se for um som mais grave (NISTA-PICOLLO, 2012).

Material: instrumentos musicais diversos, caixas de papelão, latas de lixo, sino, apitos, tampas de panelas, garrafas pet ou latinhas de refrigerante com pedrinhas, arroz, ou outro grão dentro, berimbau, folha laminada, bexigas e um tapete musical, entre outros.

Avaliação: distinguir a série de movimentos que as crianças possuem ao criarem os seus movimentos, associando-os aos sons produzidos; observar maior ou menor facilidade dos alunos para identificação e classificação de sons. E por fim, pedir que façam desenhos que representem os sons produzidos e aprendidos.

- **Atividade:** O som e o meu corpo.

Objetivo: promover a criatividade das crianças a começar de variadas possibilidades de produção de sons por intermédio de percussão corporal. Entender os sons feitos com percussão de parte do corpo. Investigar diferentes sons possíveis a partir dos movimentos corporais (com ou sem tapete musical).

Procedimentos: indagar se conseguimos produzir sons com o nosso corpo. Essa atividade pode ser em grupo e solicitar que as crianças façam ruídos que já conhecem. Caso os sons sejam parecidos em sua maioria pela boca e mãos, desafiá-los a encontrarem meios com outras partes do corpo ou combinações entre partes diferentes. Se as crianças ainda não apresentarem acentuadas variações sonoras, demonstrar outros modos para que eles vivenciem novas possibilidades de expressar sons. E por fim, identificar quais foram os sons mais diferentes, mais simples e mais complexos de serem realizados, e ainda, quais foram os sons que mais gostaram de fazer. E a exploração das crianças, o professor mostra o tapete musical, possibilitando que as crianças descubram as diferenças dos sons que ele emite, conforme a tecla que pode ser tocada por diferentes partes do corpo. Apresentar o grupo Barbatuques, que gravou diversas músicas expressas com sons corporais, e pedir que tentem imitar os sons que escutaram (NISTA-PICOLLO, 2012).

Material: informações do grupo Barbatuques, grupo brasileiro destaque em percussão corporal, que faz música usando o próprio corpo como instrumento musical. O uso do tapete musical é muito importante para o melhor desenvolvimento desta atividade, este tapete deve emitir sons diferentes conforme suas notas são tocadas.

Avaliação: identificar os alunos que sugeriram novidades, observar a criatividade deles e quais se propuseram a realizar todos os desafios propostos.

- **Atividade:** Ritmo e movimento (Ouvindo o som do tambor)

Objetivo: apoiar a criança na assimilação da pulsação rítmica por meio do movimento.

Procedimento: inicialmente a criança é realizada no colo do responsável. O professor/pesquisador toca um tambor ritmando determinada pulsação. Com a criança no colo, o responsável necessita direcionar conforme com o pulsar que escuta, apontando o pulso em seu corpo, de forma que seja exteriorizado pela

criança. O responsável precisa estar alerta às modificações de pulso, para que possa imitadas e reproduzidas no corpo da criança.

Materiais: os materiais usados durante as atividades são: reproduzidor de CDs, quatro caixas de som, mesa de som, um microcomputador com monitor de vídeo, alguns instrumentos de percussão tais como: claves, chocalho, guizos, tambor, black-black. Lembrando que também podem ser trocados por objetos de origens diversas, tais como: panelas, colher de pau, garrafa pet, balde, etc.

- **Atividade:** Ritmo e movimento (produzindo o som da canção)

Objetivo: possibilitar a criança a vivenciar, produzir e reproduzir por meio do ritmo com suas próprias mãos.

Procedimento: primeiramente a criança é colocada sentada. Portanto o som do tambor é escutado por intermédio de uma gravação. E assim o tambor é disposto em frente da criança, para que ela consiga investigar seu som e experimentar que ela pode produzir o ritmo no instrumento a partir do seu próprio corpo.

- **Atividade:** O som em movimento (Localização da fonte sonora)

Objetivo: lidar com a percepção auditiva do bebê no que concerne a sua habilidade de encontrar o som e perceber seu movimento no local físico, entendendo a movimentação do som e sua mudança no espaço.

Procedimento: são colocados quatro alto-falantes na sala, um em cada canto e ocultados visualmente, todos voltados para o centro. Os alto-falantes estão conectados a uma mesa de som e um reproduzidor de CD. A criança é disposta sentada no chão, no centro da sala e ouve o som, que surge em somente um dos alto-falantes. Assim que a criança identificar a origem da fonte sonora, o som é deslocado para outro alto-falante, até circular por todos os alto-falantes, “movimentando-se pela sala”. Para a execução dessa atividade sugere-se que se escolha um “objeto sonoro” contínuo. Como, por exemplos, o uso do som da água caindo de uma torneira, uma folha de papel sendo amassada.

- **Atividade:** Percepção da textura (timbre)

Objetivo: fazer a criança exercitar sua habilidade para relacionar o som que ouve com o objeto que o produz, que foi por ele experimentado e memorizado. Além do exercício de memória, a criança desenvolve sua capacidade de discriminar os sons pelo timbre e pela sonoridade (textura). Os instrumentos musicais aqui apresentados podem ser substituídos por outros objetos (fontes sonoras) quaisquer, desde que ofereçam razoável distinção sonora entre si, como panelas colheres de pau, garrafas pet, copos, etc.

4. RESULTADOS

Como resultados obtidos pela revisão bibliográfica, chegou-se a conclusão de que os resultados da Musicoterapia são positivos para as crianças.

Os atuais estudos em neurociências têm apresentado que tanto a música instrumental quanto as canções representam grandes elementos para estudo das emoções, já que não somente são capazes de lançar respostas com valor positivo e negativo como também e, sobretudo, por estas respostas serem aplicadas em indivíduos de culturas diferentes .

Fundamentado na análise dos dados alcançados por meio da ampla pesquisa bibliográfica realizada, fica claro que a primeira infância é um período bem fértil para a estimulação musical e tudo indica que essa estimulação pode ser melhor beneficiada se for contextualizada. Percebe-se que o uso de técnicas alternativas como a música terapêutica, pode não só ter um efeito relaxante, como proporciona um alívio geral, gerando um sentimento de bem-estar que supre a necessidade do uso de medicamentos nocivos durante a gravidez. É de salientar que o uso das terapias musicais pode ser colocado em prática como uso contínuo. A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras, podendo exteriorizar e transmitir sensações, sentimentos e reflexões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música é uma linguagem existente no cotidiano dos sujeitos, e em todas as culturas existe a presença da música. Cabe destacar que há música para dançar, para festejar, para dormir, entre outros. Assim, a música é uma ferramenta para a linguagem social e cultural, que produz conhecimento e propicia o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

A musicoterapia é a utilização da música com propósitos clínicos e aspectos sociais e educativos, para ajudar no tratamento e advertência de dificuldades de saúde mental. Vimos que a musicoterapia é voltada para ampliar potenciais ou retomar as funções do paciente, para que este alcance uma melhor qualidade de vida como maneira de precaução, recuperação ou tratamento de doenças. Sendo que um musicoterapeuta precisa ser um profissional apto que usa componentes próprios da música. Esse profissional deve suprir às necessidades típicas de cada indivíduo, fundamentando-se principalmente em concepções científicas.

Os objetivos terapêuticos da musicoterapia baseiam-se em incentivar a comunicação, a convivência, a mobilização, o aprendizado, a expressão e a organização. Ao decorrer de uma sessão de

musicoterapia, os objetivos são não musicais, por isso não é preciso que o paciente tenha habilidades musicais para usar determinada terapia.

Este presente estudo realizou uma exposição sintética da análise da literatura abordada. No entanto, esta é uma área de discussão relativamente nova no Brasil.

Referências

- BEYER, E. **Os Múltiplos caminhos da cognição musical: algumas reflexões sobre seu desenvolvimento na primeira infância.** Revista Abem. Vol.3, n.3, 1996.
- EUGENIO, M. L; ESCALDA J; LEMOS, S. M. A. **Desenvolvimento cognitivo, auditivo e linguístico em crianças expostas à música: produção de conhecimento nacional e internacional.** Rev. CEFAC, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 992-1003, Out. 2012.
- FUCCI-AMATO, R. **Escola e educação musical: (des) caminhos históricos e horizontes.** Campinas, SP: Papyrus, 2015.
- GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical.** Tradução de: Beatriz A. Cannabrava. São Paulo: SUMMUS, 1982.
- JABER, M. S. **O bebê e a música: sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal.** UFRJ, Escola de música, Rio de Janeiro, 2013.
- NISTA-PICCOLO, V. L. **Corpo em movimento na Educação Infantil.** São Paulo: Telos, 2012.
- OLIVEIRA, A. C. et al. **Musicoembriologia: qual o impacto no neurodesenvolvimento infantil.** Nacer e Crescer, Porto, v. 25, n. 3, p. 159-162, set. 2016.
- ROSA, N. S. S. **Educação musical para a pré-escola.** São Paulo: Ática, 1990.
- SAMPAIO, R. T.; LOUREIRO, C. M. V.; GOMES, C. M. A. **A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica.** Per musi, Belo Horizonte, n. 32, p. 137-170, Dez. 2015.
- SILVA JR, J. D. **A utilização da música com objetivos terapêuticos: interfaces com a Bioética.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, 2008.
- SOARES, N. C. de et al. **A musicoterapia como estratégia para a promoção do aleitamento materno: revisão integrativa.** REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde, Vol. Sup. 15, 2018. Disponível em <https://www.acervosaude.com.br/doc/REAS402.pdf> Acesso em: 10 maio. 2024.